

Tudo é linguagem¹

Jacqueline Crepaldi Souza*

Como a criança se comunica? Para responder a esse questionamento, a psicanalista francesa Françoise Dolto, em seu trabalho com crianças, faz uma reflexão a respeito da construção e humanização que acontecem desde a mais tenra idade. Um bom exemplo dessa construção é quando a criança se olha no espelho, vê um bebê e fica radiante, pois é bom encontrar um bebê nesse mundo de adultos. Fascinada com essa experiência, ela chama a imagem de nenê, pois nunca chama a imagem do espelho pelo seu verdadeiro nome. Ela se dirige ao nenê, e não à sua própria imagem. E, se não dissermos à criança “É você”, mas “É a sua imagem e, do lado, a minha imagem”, nós lhe ensinamos que é a imagem que podemos ver e ela começa a compreender o que quer dizer a imagem em um espelho. Isso causa tamanha surpresa que ela começa a fazer caretas no espelho e se diverte bastante ao descobrir que pode exprimir, em linguagem de mímica, algo que poderia ser dito em palavras.

Esse convite a compreender o papel da linguagem e, mais ainda, do agir, significa compreender que, para uma criança, tudo é linguagem comunicativa, tudo o que se passa a sua volta e o que ela observa. Ela reflete sobre essas coisas. Observando alunos surdos, vemos que estão fantasticamente imersos na linguagem e, à sua maneira, quanto mais prestam atenção, mais barulho fazem com os pés, com as mãos e com o corpo.

A expressão da linguagem usada com as crianças é determinante para sua construção como pessoa, e o mais importante nessa linguagem é sermos verdadeiros no que diz respeito ao que sentimos, pois a linguagem, em palavras, é o que há de mais germinativo, mais fecundante, no coração e na simbologia do ser humano. Essa linguagem não se situa no tempo, prova disso são todas as pessoas que dão ou deram sua contribuição à humanidade e que continuam a dar, mesmo tendo morrido há muitos anos. A linguagem plástica, artística, nos toca porque toda obra é linguagem de amor e de desejo. O artista usa um material que pode ser terra, metal, tecido, pedra preciosa, mas não é isso que nos toca; o objeto está lá em sua utilidade, sensorialidade, porém o que nos emociona é algo de que apenas podemos falar, que é o estético, uma linguagem que nos comunica algo.

E para as pessoas surdas, como se dá a linguagem? Dolto explica que, para as pessoas surdas, a comunicação acontece através da imersão nas linguagens visual, olfativa, rítmica e mímica, gestual. Se os pais da criança surda sabem que ela está envolvida com a linguagem, não verbal, mas com a linguagem da cumplicidade, linguagem da alegria, de sofrimento, e que podem codificar essa linguagem na língua dos sinais de sua etnia, eles podem se comunicar com essa criança por todos os meios que não o verbal, audível. A criança surda tem olhos muito mais abertos para aquilo que é significativo para ela: os matizes, os rostos e o olfato. O cheiro de cada um de nós é específico de nosso ser. Nossos cheiros mudam de acordo com nossos sentimentos e as crianças pequenas, cujo olfato percebe pessoas à distância, reconhecem as que lhe são familiares, mesmo não as vendo nem ouvindo. Essa capacidade permanece nas crianças que não têm audição. Os pares de nervos cranianos comandam os olhos

* Graduada do Curso de Comunicação Assis-tiva - LIBRAS e Braille, 4º período (Noite) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Pedagoga, Psicopedagoga e Professora de Ensino Religioso.

¹ DOLTO, Françoise. Tudo é linguagem. Trad.: Luciano Machado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

e os ouvidos. Quando ouvimos à direita, só podemos voltar os olhos para a direita. A criança que não ouve, escuta com os olhos, se é que podemos dizer assim, com uma espécie de tatilidade, de radar.

As crianças surdas têm a possibilidade de, por meio dos olhos, compreenderem as pessoas; elas dispõem do tato, do olfato e também do gestual inconsciente, mas é claro que dispõe, também, e ainda melhor, do código consciente chamado língua dos sinais: língua que lhes pode ser ensinada e lhes permite que os pais que a conheçam se comuniquem com elas. Uma criança que desde o nascimento comunica-se com os pais será mais adaptável à sociedade, principalmente à convivência com os surdos que conhecem a língua dos sinais, e, ao mesmo tempo, se sentirá segura no mundo das pessoas que ouvem. Sua primeira língua será a língua dos sinais e, depois de quatro ou cinco anos, será educada na segunda língua: a língua verbal de seu país.

Essa diversidade é apresentada por Dolto de uma maneira clara e verdadeira. Segundo a autora, ser diferente pode causar resistência nas pessoas. Para compreender a marginalidade que deriva da aparência e do racismo, não se deve dizer que não existem, é preciso falar a verdade. Não se deve dizer: "Você tem que superar essa desvantagem"; deve-se dizer: "Você é negro" ou "Você é mestiço e há certo tipo de crianças que vão recriá-lo por isso. O que você tem que fazer é mostrar o que vale, e eles verão que se enganaram". É assim que se ajuda uma criança. É preciso falar do racismo em todas as classes, mesmo com crianças menores, e chamar pelo nome certo aquilo que as crianças vivenciam, pois elas têm uma capacidade de compreensão muito grande. (DOLTO, 1999, p. 93).

Em busca de respostas, podemos aprender com o trabalho de Françoise Dolto e mergulhar nesse mistério que é o entendimento de como acontece a comunicação.